

A preservação da biodiversidade marinha

Por Sonia Montaña

O flautista Leonardo Loureiro Winter, professor do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS abriu a conferência do Fronteiras do Pensamento interpretando Johann Sebastian Bach e Claude Debussy na saudação musical. A seguir, a oceanógrafa norte-americana Sylvia Earle abordou o tema *Mares sustentáveis: a visão, a realidade* e compartilhou com a plateia de Porto Alegre seus aprendizados em mais de 60 anos de luta pela preservação dos oceanos e elogiou o Brasil, país dotado de tantas riquezas naturais em terra e mar, e disse sonhar com o dia em que poderá explorar esse outro Brasil que se estende por 200 milhas no oceano inexplorado e desconhecido.

Um momento histórico privilegiado

A conferencista organizou sua fala em torno de três grandes ideias: destacou o momento atual como o tempo mais importante em toda a história humana, já que temos condições de ver o mundo como um todo e entender o funcionamento das coisas. Tratou também da inter-relação da vida. Os oceanos estão em dificuldade e, então, nós também estamos, já que cada vez mais sabemos que todas as coisas de nossa vida estão ligadas ao que acontece com o mundo natural. Em terceiro lugar, expôs diversas razões para ter esperança e definiu a si própria como “viciada em esperança”. Ela salientou que talvez nosso tempo seja a última chance de restaurar elementos que ainda não foram extintos e que, por isso, devemos nos alegrar pela oportunidade. “Ainda temos florestas, ainda restam 10% dos tubarões, 10% dos atuns, as garoupas e outros tipos de peixes não desapareceram totalmente ainda. O conhecimento que foi acumulado, a disseminação dele deu novas ferramentas que nos dão esperança”, insistiu.

Sylvia Earle convidou a plateia a fazer um *tour* através do Google Earth com seu aplicativo para navegar pelos mares e oceanos, projeto liderado por ela própria para que qualquer pessoa possa ter acesso à profundidade oceânica e conhecer a biodiversidade marinha. “Agora, todos podem explorar nosso quintal azul e ver como ele está repleto de vida”, enfatizou.

A conferencista lembrou que foi na década de 1930, quando William Beebe e Otis Barton desceram mil metros, que pela primeira vez se vislumbrou como era a vida abaixo da superfície. Eles encontraram animais que brilhavam e incandesciam com sua própria luz ali onde a luz solar não chega. “Eles encontraram um laboratório vivo situado estrategicamente no mar aberto”, disse.

Biodiversidade

Além das 200 milhas costeiras das jurisdições nacionais, ainda restam 64% dos oceanos. Seria como o velho oeste. Está pouco estabelecido o que se pode ou não se pode fazer no coração azul do oceano. “Isso precisa mudar, porque atualmente 11 nações estão extraindo desproporcionalmente peixes e outros tipos de vida dessas águas. Quem é proprietário dessa zona? Todo mundo? Ninguém? Alguns países?”, denunciou a oceanógrafa, e alertou sobre a necessidade de cuidar do alto-mar.

Continuando com as viagens marinhas, a conferencista levou os participantes do Fronteiras à Patagônia, costa que se estende pelo oceano Atlântico banhado por correntes e águas ricas e produtivas. Mostrou as orcas, os elefantes-marinhos, as

colônias de pássaros marinhos, o badejo chileno e os pinguins, entre os seres que habitam esse “lugar mágico”. Contudo, o turismo, a poluição e o excesso de pesca ameaçam essa biodiversidade.

Sylvia lembrou que, assim como no início do século 20 começou a haver iniciativas para proteger a terra, agora é a vez do oceano. A terra está bem mapeada, enquanto apenas 5% do oceano foram mapeados com o mesmo detalhe da terra firme e apenas 1% está sob proteção. “Estamos começando a compreender que o oceano está com problemas e, por isso, nós estamos com problemas”, insistiu a conferencista.

Instrumentos de mergulho

Sylvia Earle lembrou seu primeiro mergulho, feito num rio na cidade onde morava, com um equipamento caseiro montado com a ajuda do irmão e do vizinho. No ano seguinte, ela teve a oportunidade de usar uma das primeiras máscaras de mergulho. Ela lembrou que foi com um desses equipamentos que Jean-Michel Cousteau foi jogado dentro da água ainda criança e teve que se virar. A conferencista mostrou também uma série de submarinos que foram surgindo, a cada vez com maior capacidade e tecnologia para atingir profundidades. Hoje alguns submarinos conseguem descer até 6 mil metros, onde encontram corais, vermes, esponjas que só se encontram nessa profundidade. “Estamos apenas começando a conhecer as espécies que habitam a vida marinha”, afirmou. Há cerca de 250 mil variações de espécies que foram catalogadas em dez anos de investigações. Contudo, não se sabe quantas criaturas vivem no mar e quantas em zonas tropicais. “Não temos nomes para a maioria das espécies, devemos conhecê-las, olhá-las com respeito e pensar algo melhor para elas do que matá-las e transformá-las em comida. Nossa vida depende da manutenção da integridade dos sistemas que nos mantêm vivos”, defendeu a conferencista, lembrando como, por exemplo, os plânctons assimilam o carbono e regeneram o oxigênio.

A extinção de atuns e tubarões

A conferencista destacou que, assim como não existem dois gatos iguais, não há dois peixes iguais, todos eles são especiais à sua maneira. Os tubarões, abundantes no passado, foram transformados em produtos. A extinção se deve a um gosto por artigos de luxo, um tipo de sopa produzida na China com barbatanas de tubarões. Os atuns estão se extinguindo porque se precisa de dois quilos desse peixe para produzir um quilo de pasta de atum. “É nesta época que decidiremos se haverá golfinhos, tubarões ou atum no futuro”, alertou, lembrando que os combustíveis fósseis, por um lado, deram suporte para a tecnologia permitir conhecer o mundo submarino e, por outro lado, foram os vilões para muitas espécies marinhas. Essas formas de energia, que são consideradas “baratas”, deviam ser revistas, sendo pesados os seus custos reais. “É necessário trocar os combustíveis por fontes alternativas de energia”, defendeu a oceanógrafa, lembrando como a velocidade do degelo a que estamos assistindo afeta as criaturas que moram nas regiões árticas.

Os recursos naturais e a sustentabilidade

Sylvia Earle lembrou que o planeta no qual nasceu era muito diferente do atual. “Não podemos mais usar o mundo natural como um lixão. Não podemos seguir tirando, devemos devolver. Tratamos o mundo natural como se não fosse limitado”, disse a conferencista, e lembrou iniciativas de diversas escolas em que crianças mergulham no mar para tirar o lixo e encaminhá-lo para a reciclagem, e de muitas pessoas no mundo declarando que não tomariam mais sopa de tubarão. Estes, entre outros, seriam grandes motivos de esperança. “Em 2020, poderíamos ter como meta elevar o

nível de proteção a 12% em todos os sistemas naturais, como uma espécie de poupança”, concluiu.

Encerrada a conferência, Sylvia Earle respondeu a perguntas sobre os efeitos dos três grandes derramamentos de petróleo nos oceanos: o do navio petroleiro Exxon Valdez, em 1989, a guerra do Golfo, em 1991, e o acontecido no golfo do México, em 2010. A conferencista disse que o segundo foi 30 vezes maior que o primeiro, mas que foram acidentes; contudo, o terceiro foi deliberado e era evitável. “Se você perfura, os acidentes vão acontecer”, enfatizou a oceanógrafa. Perguntada também sobre ONGs que tratam dos oceanos e se utilizam de violência para se fazer entender, respondeu que a ONG Greenpeace representa um ponto de vista e é importante que o expresse livremente, embora a conferencista prefira métodos não agressivos, como apertar a mão e trabalhar junto com as empresas de petróleo para pensar formas diferentes de gerar energia. Ao finalizar, Sylvia Earle admitiu que ainda pretende alcançar a marca de mais de 10 mil metros de profundidade.